

Globethics Repository



Educacao teológica no terceiro mundo [theological education in the third world]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	McKinney, Lois
Publisher	Instituto Universitario ISEDET
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-16 18:01:36
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/155937

EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NO TERCEIRO MUNDO:

Buscando uma Autenticidade Cultural

por Lois McKinney

Ainda me lembro muito bem daquele dia em que visitei um posto de troca num território de índios no norte do Arizona. Havia artefatos indígenas em toda parte: bonecas, cocares, arcos e flechas, vestuário de couro, jóias feitas de turquesa e tapetes — todos de preço acessível, esperando a minha escolha. Peguei uma bonequinha que trajava um vestido de veludo enfeitado com miçanga miúdas — o presente perfeito para minhas sobrinhas! E aquele arco e flecha — meu sobrinho ficaria admirado ao saber que tinham sido feitos por índios autênticos. Pensei nas longas horas que um indiozinho passara ao lado do pai, esculpindo carinhosamente o arco, a flecha, a ponta... e foi então que observei uma pequena etiqueta colada no arco. Meus castelos de areia desmoronaram. Aqueles objetos "autênticos" tinham sido fabricados no Japão!

Agora, mudou-se a cena. Estou no meu escritório na Faculdade Teológica Batista de São Paulo, olhando o mapa do Brasil. Nele estão colocados alfinetes coloridos, representando institutos bíblicos e seminários evangélicos, num total de 130 instituições. Espalham-se desde a Bacia Amazônica até os pampas do Rio Grande do Sul. Servem uma diversidade de sub-culturas. Já visitei pelo menos metade destas instituições e mantive contato com seus líderes. Aquilo que vi e ouvi me deixou intranquilo. A maioria dessas instituições leva um carimbo incunfúndivel: "Made in the U.S.A.", "Made in England", "Made in Sweden", ou "Made in Germany". De algum modo, apesar do compromisso verbal que educadores teológicos têm com conceitos de **contextualização** ou **nacionalização**, uma educação teológica importada continua sendo a norma.

O que fazer? Como a educação teológica pode tornar-se brasileira ou argentina, ou angolana, ou coreana? Antes de responder a esta pergunta, precisaremos observar algumas das características de uma educação teológica autêntica. É só depois desta tarefa que saberemos que tipo de programa planejar e as medidas concretas a tomar na sua implementação.

Um Ambiente Autêntico

Para Deus, a Igreja é totalmente central. Cristo é o cabeça da Igreja. Dentro da Igreja não é só o "pastor" que trabalha: o padrão bíblico para o crescimento da Igreja exige reconhecimento e atualização de uma liderança coletiva. Existem ministérios internos e ministérios externos dentro da Igreja. Os ministérios internos são de adoração e de edificação. Os ministérios externos são de evangelização e de compaixão. No coração da Igreja está a mutualidade, o amor ne uns para com os outros. Aprendizagem acontece entre pessoas que se amam e se respeitam e compartilham a sua vida.¹

O ambiente autêntico para a educação teológica é a própria igreja. É ela a responsável pelo treinamento dos seus próprios líderes.

Uma ênfase na centralidade da igreja em educação teológica não implica num treinamento de líderes dentro de um gueto evangélico. Certamente, os crentes edificarão uns aos outros no fé enquanto convivem juntos, aprendem juntos a Palavra de Deus e juntos adoram a Deus. Mas a missão da igreja nunca pode estar voltada para si. A igreja precisa estender-se, indo ao mundo com a mensagem da salvação.

Uma ênfase na centralidade da igreja em educação teológica tampouco quer dizer que limitaremos nossa perspectiva ao aqui e agora. Teremos maior capacidade de desenvolver uma educação teológica culturalmente autêntica se reconhecermos os acontecimentos eclesiais que influenciaram o presente, e as tendências atuais que estão formando o futuro. Devemos apreciar os meios empregados por outros povos e outras culturas no treinamento de líderes eclesiais.

A possibilidade da educação teológica realizar-se num ambiente autêntico depende, em grande parte da autenticidade das próprias igrejas. Infelizmente, a maioria as igrejas nos países em desenvolvimento leva o mesmo carimbo estrangeiro das suas instituições teológicas. Não precisamos de programas importados mas de programas eclesiais autenticamente brasileiros ou argentinos.

Líderes Autênticos

Podemos identificar pelo menos três funções de liderança nas epístolas paulinas. Todos os santos (laos, ou povo de Deus) têm a

¹ Excerto de uma palestra proferida por Lowell Bailey durante a Décima Assembléia Geral da Associação Evangélica para Educação Teológica por Extensão, de 1 a 4 de fevereiro de 1977, em Londrina, Paraná.

função de ministrar (Ef. 4.12). Os líderes locais da igreja têm a função de treinar o laos (Ef. 4.11). Algumas pessoas-chave são destacadas como as responsáveis pelo treinamento desses líderes locais (II Tm. 2.2; Tito 1.5). A educação teológica é o processo pelo qual **todos** aqueles que têm funções de liderança são equipados para seus ministérios pelo desenvolvimento dos seus dons espirituais dentro do corpo de Cristo.

Em sua grande maioria, os líderes das igrejas de países em desenvolvimento nunca chegarão a ser pastores de tempo integral.² Eles terão de ganhar a vida num emprego secular. Terão de atender apelos tais como aquele feito por Mário Rivas, da União Batista Boliviana para: "... **integrarse na comunidade e trabalhar... ganhando o pão de cada dia na radiodifusão, no magistério, nos cargos públicos, e além disto, consagrar seus talentos á glória de Deus.**"³

O reconhecimento 1) do ministério de todo o laos, o povo de Deus, e 2) da necessidade de um pastorado de tempo parcial, teria, na minha opinião, um efeito saudável nas nossas Igrejas. Os leigos e as leigas, cujos ministérios tantas vezes têm sido marginalizados, encontrariam maiores oportunidades de exercer os dons espirituais que Deus lhes deu. Emergiriam líderes locais que ajudariam o pastor na pregação, administração, aconselhamento e ensino. À medida em que as funções de liderança dentro da igreja fossem assumidas por mais e mais pessoas, os conceitos de **leigo, clero e ordenação** exigiriam uma nova definição.

Algumas pastores de tempo integral e líderes denominacionais sentem-se ameaçados perante as implicações de um ministério do laos e de pastores de tempo parcial. Mesmo assim, as questões que estas alternativas levantam têm de ser enfrentadas abertamente. Não existe outra saída diante da grande necessidade de líderes para as nossas igrejas.

Um Currículo Autêntico

As seções anteriores deste trabalho nos levarão à conclusão de que um currículo⁴ autêntico para a educação teológica será 1)

² Estima-se que 65% dos pastores batistas no Brasil dependem de um emprego secular para sobreviver. (Veja Werner Kachel, "Baptist Ministry and Underdevelopment in Brazil" (tese de doutorado, Southern Baptist Theological Seminary, 1971), p. 175.

³ Mario Rivas, "Nueva Visión de la Iglesia Nacional", **Chasqui**, setiembre de 1970. Citado em Ralph R. Covell e C. Peter Wagner, **An Extension Seminary Primer** (South Pasadena, California: William Carey Library, 1971, p. 4.

⁴ Para o educador profissional, "currículo" é um conceito que vai além de uma lista de matérias a estudar. Ele abrange todas as experiências que são planejadas com fins didáticos. Incluem todas as mudanças em conhecimentos, atitudes, ou capacidades que queremos como resultado do nosso ensino.

focalizado nas capacidades a serem desenvolvidas no aluno, e 2) contextualizado dentro da própria cultura.

Um currículo focalizado nas capacidades dos alunos exigirá uma nova conceitualização (e talvez até uma nova denominação) da educação **teológica** como educação **ministerial**. O foco será o que os líderes fazem, como uma expressão daquilo que são e daquilo que conhecem. A educação teológica assim conceituada, se tornará tão diversificada e tão individualizada como os dons que Deus tem dado às igrejas.

Esta exigência não é tão idealista como parece ser à primeira vista. Há um cerne de conhecimentos bíblicos, teológicos, históricos e culturais que são essenciais a qualquer ministério eficaz. Há várias capacidades, tais como comunicação e estudo bíblico indutivo, que todo o servo de Deus precisa desenvolver. Tais conhecimentos e tais capacidades são ensinados na maioria dos programas de educação teológica. O que falta, muitas vezes, no currículo é um **foco ministerial** pelo qual o aluno relacionará os conhecimentos e as capacidades que ele vai adquirindo com o ministério singular que Deus lhe deu.

Chegaremos a esse tipo de foco por vários caminhos. Podemos oferecer especializações dentro do curso teológico (como por exemplo, música sacra, educação religiosa ou aconselhamento). Podemos oferecer matérias optativas ou estudos dirigidos que encorajarão os alunos a descobrirem e desenvolverem seus próprios interesses e suas próprias capacidades. Módulos como aqueles desenvolvidos por Jorge Patterson em Honduras⁵ e A. J. Barrat na Argentina⁶ tornarão o ministério o cerne do ensino teológico, em vez de um apêndice à instrução. Seminários ou encontros de integração ajudarão os alunos a interpretar as informações acumuladas à luz das experiências práticas no campo.

Mais uma dimensão de um currículo autêntico está implícita numa educação teológica focalizada no ministério: sua contextualização cultural. Currículos desenvolvidos em contextos diversos serão tão diversos como as culturas que eles refletem. No Brasil, por exemplo, um currículo contextualizado encorajará o aluno a examinar sua fé cristã à luz dos sistemas religiosos (como Catolicismo Romano e Espiritismo), de valores culturais (como fatalismo e machismo), realidades sociais (como pobreza e urbanização), e questões éticas (como aborto e divórcio). No nível pessoal, o aluno contextualizará o currículo pela reflexão teológica sobre suas experiências no ministério, e pela interação com seus colegas que estão experimentando

⁵ Instituto Bíblico de Extensión, Apartado 164, La Ceiba, Honduras.

⁶ Seminario por Extension Anglicano, Casilla 134, 4000 S. M. de Tucumán, Argentina.

problemas e oportunidades semelhantes. Este tipo de reflexão resultará num currículo autêntico em que, nas palavras de Covell:

Nó não estamos ensinando apenas um conteúdo informativo, que pode incluir acréscimos vindos de uma outra cultura. Nós não estamos ensinando uma compreensão estranha de Cristo... Melhor, estamos apresentando Cristo como a Revelação sempar de Deus. Ele está livre de "bagagem" cultural na qual uma outra sociedade O enterrou. Ele se tornará encarnado, por assim dizer, dentro das culturas receptoras. Chamaremos os cristãos nestas culturas de cristãos índios, de cristãos africanos y de cristãos chineses. Não exigiremos que os pensamentos, os sentimento e as ações destes cren'es sejam iguais... Cada um deles terá um relacionamento pessoal com Jesus Cristo, que terá sua expressão singular dentro da própria cultura."⁷

Estruturas Autênticas

Muitos programas de educação teológica são réplicas das estruturas residenciais que seus fundadores conheceram através de suas próprias experiências como alunos de seminários em outros países.⁸ Esses programas tiveram êxito dentro das culturas onde as igrejas crescem lentamente e a economia permite prédios caros, salários razoáveis para os professores, e condições para alunos estudarem com tempo integral. Mas na maioria de países em desenvolvimento onde há uma proporção maior de professores em relação ao número de alunos, um programa residencial é caro demais. O Dr. Ted Ward observou, em tom de brincadeira depois de uma visita a algumas instituições filipinas, que a única educação profissional mais dispendiosa que a educação teológica é o treinamento de astronautas! Segundo um levantamento feito pelo Theological Education Fund, setenta por cento da educação teológica no Terceiro Mundo depende de ajuda financeira do estrangeiro.⁹ Há quase dez anos atrás, Dr. Aharon Sapsezian estimou que o custo anual da educação teológica brasileira absorveu uma fortuna anual de três milhões de

⁷ Covell e Wagner, *op. cit.*, p. 49.

⁸ Neste trabalho, definiremos programas em residência como aqueles onde os alunos freqüentam aulas diurnas, moram em internatos, têm como trabalho principal estudar, e recebem auxílio para suas despesas.

⁹ Shoki Coe, "Theological Education—a Wordwide Perspective", Vol. XI, Nº 1 (Autumn, 1974), p. 8.

dólares.¹⁰ Com um aumento tanto no número de instituições como no número de alunos matriculados em cursos residenciais, as despesas hoje devem ser bem maiores. Há pouca esperança que instituições residenciais um dia cheguem a sustentar-se a si mesmas.

Há mais de uma desvantagem em modelos tradicionais de educação teológica: as exigências acadêmicas e residenciais muitas vezes excluem os líderes maduros que se aproveitariam desse treinamento. Precisamos de formas alternativas de educação teológica que providenciarão um treinamento a todos os que necessitam dele. E isso por um preço acessível às igrejas.

Felizmente, existem meios alternativos para a educação teológica que podem reduzir as despesas e ao mesmo tempo alcançar os alunos onde quer que eles vivam e trabalhem. Programas noturnos funcionam bem nos centros urbanos. Cursos intensivos durante períodos de trabalho menos intenso são viáveis em regiões rurais. Nos lugares mais isolados, reuniões de líderes locais para ouvir e debater programas de rádio ou fitas gravadas podem servir de aulas nos intervalos entre as visitas de um professor. As atividades tradicionais da igreja, como a escola bíblica dominical, podem ser revitalizadas e reestruturadas como programas de treinamento ministerial. Estágios e programas tutorais são viáveis em determinadas situações. A educação teológica por extensão pode funcionar em qualquer lugar onde alunos e professores têm condições de se reunirem regularmente.

Os comentários negativos que fiz acima poderiam deixar a impressão de que sou contra programas residenciais. Não é assim. Deus tem abençoado as escolas residenciais. Milhares de líderes de igrejas brasileiras e argentinas e outros líderes ao redor do mundo têm sido preparados para o ministério através destes programas. Ninguém pode negar que um treinamento de alta qualidade é possível através deste modelo.

Mas programas residenciais, na minha opinião, são artigos de luxo, além do poder aquisitivo da grande maioria das igrejas de países em desenvolvimento. Esses programas conseguem preparar um número ilimitado de jovens para o ministério e isso por um custo exorbitante. Eles dependerão perpetuamente de subsídio do estrangeiro. Uma educação teológica autêntica exigirá instituições sustentadas por recursos nacionais e estruturas que tragam o treinamento teológico ao alcance de todos os que necessitam dele.

Mais cedo ou mais tarde qualquer debate sobre alternativas no treinamento teológico levantará questões sobre padrões educacionais. Pergunta-se se é possível manter a qualidade instrucional dentro de modelos que não sejam residenciais. Cochran responde a esta pergunta afirmativamente:

¹⁰ Aharon Sapseizian, "Tendências na Educação Teológica — Brasil, 1968", *Simpósio* (da ASTE), Nº 2, novembro de 1968, p. 57.

"Na minha opinião, educação teológica por extensão com ênfase na iniciativa do aluno e seu entrosamento no ministério, é perfeitamente adaptada a uma educação no mais alto nível e da mais alta qualidade... Os encontros destinam-se a aplicações da matéria que o aluno aprendeu pelo estudo autodidático. Tanto o aluno como o dirigente do encontro são desafiados a pensar." ¹¹

As vezes a maior preocupação a respeito de alternativas educacionais se prende à equivalência dos cursos teológicos. A equivalência de cursos prosseguidos no mesmo nível dentro de estruturas diversas (residenciais, por extensão, noturnas, etc.) é algo difícil de verificar. Um caminho seguido tanto na educação secular como na educação teológica é a substituição de um sistema de créditos baseado em horas-aula por um sistema que se baseia no total de horas que um aluno gasta em todas as experiências de aprendizagem (leitura, projetos, etc.) dentro e fora da aula. Este procedimento oferece uma resposta viável à questão de equivalência. Ao mesmo tempo facilita a implantação de modelos flexíveis de educação teológica, que oferecem uma preparação ministerial a **todos** que precisam dela - seja onde quer que os líderes se encontrem, seja qual for o nível acadêmico que já atingiram e seja qual for o horário em que possam estudar.

Metodologias Autênticas

É possível treinar líderes num contexto autêntico (a igreja), dentro de estruturas autênticas (que alcançam aqueles que precisam de treinamento) com um currículo autêntico (focalizado no ministério e refletindo a cultura do aprendiz), e ainda ficar aquém dos nossos alvos educacionais se faltarem metodologias autênticas. ¹²

Percebemos intuitivamente que existem diferenças culturais na aprendizagem. Centenas de estudos feitos dentro de várias tradições de pesquisa já tentaram identificar algumas destas diferenças. ¹³

¹¹ David R. Cochran, "Theological Education by Extension: What Can It Offer Churches in North America?", **Theological Education**, Vol. X, Nº 4 (Summer, 1974), pp. 259, 260.

¹² Métodos de ensino são componentes integrais do currículo, ou experiências de aprendizagem. Consideramo-los sozinhos aqui para enfatizá-los melhor.

¹³ Estudos culturais de aprendizagem dentro de várias tradições de pesquisa estão descritos em D. R. Price-Williams (ed.), **Cross-Cultural Studies: Selected Readings** (Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin Books, 1969); Ihsan Al-Issa e Wayne Dennis (eds.), **Cross-Cultural Studies of Behavior** (New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1970); e Michael Cole e Sylvia Scribner (eds.), **Culture and Thought: A Psychological Introduction** (New York: John Wiley and Sons, 1974).

Mesmo assim, ainda sabemos muito pouco a respeito das influências culturais sobre a aprendizagem.

Isto não quer dizer que nenhum progresso tem sido feito. Vários conjuntos de estudos oferecem aplicações interessantes ao ensino. Uma dessas séries realiza-se dentro da teoria de Piaget. Mesmo que as pesquisas sejam bastante incompletas, elas sugerem que os estágios de desenvolvimento reconhecidos por Piaget (que progridem de uma dependência em atividades sensori-motores na execução de operações lógico-matemáticas até uma capacidade de executá-las num nível abstrato) são invariáveis através de culturas diversas. De interesse especial àqueles que trabalham com adultos de pouca preparação acadêmica não as observações de Goodnow e Greenfield; sem experiências semelhantes àsquelas oferecidas pela escola em resolver problemas na cabeça e em adiar a aplicação de conceitos abstratos, a maioria de adultos não cai além de operações concretas no seu desenvolvimento.¹⁴ Esses adultos são incapazes de executar operações abstratas. As implicações destas observações são de grande alcance. Significam, em primeiro lugar, que o ensino de adultos semi-alfabetizados deve enfatizar experiências concretas e meios audiovisuais. Em segundo lugar, os resultados destas pesquisas oferecem alguns indícios sobre os tipos de experiências de aprendizagem que ajudarão esses adultos a desenvolver suas capacidades pelo raciocínio abstrato.

Mais uma série de estudos gira em torno de estilos cognitivos (estilos de pensar, ou resolver problemas).¹⁵ Há aprendizes do estilo **campo dependente** que dependem de um contexto global na resolução de problemas. Estes têm uma tendência para uma orientação extrovertida e social. Há também aprendizes do estilo **campo independente** que conseguem solar os elementos de uma situação do seu contexto maior, e assim pensar mais analiticamente. A tendência destas pessoas é para a introversão. Sentem-se mais a vontade com idéias do que com pessoas. Algumas observações tentativas indicam que os estilos **campo independente** e **campo dependente** são comportamentos que variam de uma cultura para outra. É possível que muitos aprendizes latinos sejam do estilo **campo dependente**. Neste caso teríamos uma

¹⁴ Veja Jacqueline J. Goodnow, "A Test of Milieu Effects with Some of Piaget's Tasks", **Psychological Monographs**, Vol. 76, Nº 36 (1962), pp. 555 ff.; Jacqueline J. Goodnow e Gloria Bethon, "Piaget's Tasks: the Effects of Schooling on Intelligence", **Child Development**, Vol. 37, nº 3N (September, 1966), pp. 574-582; e Patricia Marks Greenfield, "On Culture and Conservation", em **Studies in Cognitive Growth**, Jerome S. Bruner et al. (New York: John Wiley and Sons, 1966), pp. 225-256.

¹⁵ Algumas destas pesquisas estão resenhada em H. A. Witkin et al., "Field-Dependent and Field-Independent Cognitive Styles and Their Educational Implications", **Review of Educational Research**, Vol. 47, N 1 (Winter, 1977), pp. 1-64.

explicação do motivo pelo qual alunos latinos têm dificuldade em seguir o raciocínio analítico e altamente **campo independente** de alguns professores de origem germânica ou anglo-saxônica.

Um caminho mais reto e mais pragmático para a contextualização em vez de variáveis de aprendizagem são manipuladas. Na minha tese de doutorado, por exemplo, experimentei o uso de métodos expositivos e de descoberta com aprendizes semi-analfabetos no Brasil.¹⁶ Um dos resultados mais interessantes foi este: O método de descoberta foi relativamente mais eficaz para aprendizes que nunca freqüentaram aulas numa escola e que aprenderam a ler e escrever sozinhos. Pergunta-se, à luz deste achado, até que ponto os métodos expositivos importados da Europa são apropriados à cultura brasileira.

Existem muitos métodos de ensino que poderiam se tornar culturalmente autênticos:

Estudos de casos têm sido empregados durante várias décadas na educação profissional de médicos e advogados. Tem muitas aplicações na educação teológica, e especialmente no ensino de história eclesial, aconselhamento, ética e pragmática pastoral.¹⁷ Os casos estudados baseiam-se em situações reais. Por isso, destacam-se entre os métodos relevantes à cultura.

Dramatização (role-playing) é parecida com estudos de casos, tendo também sua base em situações reais.¹⁸ É um método que atinge, melhor do que o primeiro, os objetivos afetivos (mundanças de atitudes, crenças e valores).

Simulações instrucionais têm mostrado sua eficácia no treinamento de muitos tipos de profissionais (conselheiros, administradores, antropólogos, pilotos, etc.). Simulações também baseiam-se em situações reais. Têm duas vantagens: destacam as variáveis relevantes da situação, e permitem a prática sem riscos de maiores conseqüências nos casos de decisões erradas. As poucas simulações experimentadas na educação teológica têm tido bom êxito.¹⁹ O método muito mais atenção do que a recebida até agora.

¹⁶ Lois McKinney, "Cultural Attunement of Programmed Instruction: Individualized Group and Expository-Discovery Dimensions" (tese de doutorado, Michigan State University, 1973).

¹⁷ **Theological Education** dedicou seu Volume Z, Nº 3 (Spring, 1974) ao método de estudo de casos.

¹⁸ Maria S. Ramirez G., **Métodos de Educação de Adultos** (São Paulo: Loyola, 1975), pp. 143-155 fornece uma excelente introdução a role playing e outras formas de psicodrama. O livro foi traduzido da obra original em castelhano, com o mesmo título, publicado em 1972 pelo Editorial Marsiega (Madrid).

¹⁹ Um exemplo de simulações didáticas dentro do contexto da educação teológica é dado por Elliot Carlson em **Learning through Games**, (Washington, D.C., Public Affairs Press, 1969), pp. 72-82.

Instrução Programada. O uso de materiais autodidáticos na educação teológica por extensão tem despertado o mundo evangélico às possibilidades da instrução programada no treinamento de líderes para as nossas igrejas. O método é eficaz na transmissão de informações e no desenvolvimento de capacidades de pensar e estudar sozinho. Tem sido usado também no domínio afetivo, encorajando decisões, compromissos e mudança de atitudes.²⁰ A instrução programada libera o professor dos aspectos mais mecânicos e rotineiros do ensino. Assim ele tem mais tempo para dedicar às necessidades individuais do aluno e aos trabalhos em grupo. Instrução programada, quando desenvolvida por programadores nacionais e testada com alunos da mesma cultura, pode refletir fielmente os processos cognitivos destes aprendizes. Um programa nunca deve ser traduzido para uma segunda língua sem ser re-programado e re-testado rigorosamente, com a ajuda de informantes e aprendizes da cultura receptora.

Métodos de grupo. Quase todos os métodos de grupo, que enfatizam interação entre alunos, podem ser eficazes no ensino. Esses métodos podem tornar-se poderosos meios de conscientização cultural quando o líder sabe integrar-se ao grupo, ouvir o que é dito, interpretar o que ouve, fazer perguntas e ajudar o grupo a tomar as suas próprias decisões.²¹

Experiências de campo. Todos os métodos descritos até agora oferecem experiências simuladas, que, muitas vezes, são menos eficazes do que experiências diretas no campo.²² Este foi o método mais usado por Jesus e por Paulo. Seus alunos aprenderam através de uma vida em conjunto, cheia de demonstrações e prática em situações reais. Aos poucos, esses alunos assumiram cada vez mais responsabilidades pelo seu próprio ministério, e no fim se tornaram líderes maduros e capazes de treinar outros pelos mesmos métodos de campo.

Os métodos sugeridos acima, e outros que poderíamos mencionar, são culturalmente autênticos. todos surgem de situações reais e refletem as maneiras em que os alunos dentro da cultura pensam e aprendem. Mas têm mais duas características em comum: todos requerem uma preparação pedagógica e todos requerem um alto grau de sensibilidade cultural. Torna-se bem nítida a necessidade de preparar professores que conhecem bem a cultura e sabem ensinar.

²⁰ Um exemplo de instrução programada no domínio afetivo: **Como Enfrentar a Morte**, por Donald W. Kaller (Patrocínio, MG: Curso por Extensão do Instituto Bíblico Eduardo Lane, 1976).

²¹ Um sumário de métodos de grupo encontra-se em Martha M. Leypoldt, **40 Ways to Teach in Groups** (Philadelphia, Judson Press, 1967).

²² Veja **Theological Education**, Vol. XI, Nº 4 (Summer, 1975). Este número dedica-se a educação no campo.

Conclusão

Neste trabalho, tentei descrever algumas características de uma educação teológica autêntica:

- 1) ela se realizará dentro de igrejas autênticas;
- 2) ela preparará líderes autênticos (que serão na maioria dos casos pastores de tempo parcial) que aperfeiçoarão o **laos** no ministério;
- 3) ela terá um currículo autêntico, focalizado no ministério e culturalmente contextualizado;
- 4) ela se realizará dentro de estruturas ou modelos autênticos, que oferecem treinamento a todos que precisam dele, por um custo acessível às igrejas; e
- 5) ela empregará metodologias autênticas, que se baseiam na realidade cultural, e refletem a maneira de pensar e de raciocinar dos alunos.

Estas características fornecem critérios úteis na avaliação de programas de educação teológica e na identificação dos passos concretos a tomar na busca da autenticidade cultural.